

O VOLUNTARIADO: UM RECURSO EM VALORIZAÇÃO NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Resumo:

Nas últimas décadas o trabalho voluntário tem vindo a assumir um protagonismo e um papel importante, dada a pertinência que desenvolve junto das instituições da Economia Social e, por conseguinte, da sociedade. Assim, é possível afirmar que o voluntariado constitui um recurso valioso na resposta às crescentes necessidades sociais.

Nessa conformidade, o objetivo geral da presente investigação consiste na caracterização e na realização de uma análise sobre o voluntariado em Portugal, permitindo realçar a relevância da sua contabilização. Nesse sentido, a metodologia de pesquisa assumiu um carácter quantitativo.

As principais conclusões a reter deste estudo assentam na ideia que em 2012, 11,5% da população residente em Portugal e 24% na União Europeia, com idade igual ou superior a 15 anos participou numa atividade voluntária. Sendo assim, a pesquisa evidencia que a contabilização do voluntariado é essencial e significativa devido à sua preponderância.

Palavras-chave: Economia Social, voluntariado, determinantes do voluntariado, contabilização do voluntariado, Portugal.

1. Introdução

O voluntariado pode ser compreendido como um conjunto de ações de interesse social e comunitário, que são realizadas por um voluntário que destina parte do seu tempo e das suas competências a oferecer os seus serviços, sem esperar uma recompensa financeira. A sua origem está intimamente ligada a causas sociais e religiosas.

Embora o voluntariado não seja um fenómeno recente, apenas em 2011, através do Ano Europeu do Voluntariado promovido pela Organização das Nações Unidas, é que este sofreu um grande impulso e reconhecimento por parte da sociedade. Talvez por isso, se possa explicar a escassez de estudos académicos no contexto português e internacional.

Na realização deste estudo foi adotada uma metodologia de investigação através de uma abordagem quantitativa, com o fim de atingir os objetivos previamente estabelecidos: a caracterização geral da atividade voluntária em Portugal, o seu retrato sociodemográfico e uma análise do voluntariado a nível europeu. Nesse contexto, os resultados alcançados poderão possibilitar um maior conhecimento sobre o fenómeno e salientar a relevância do voluntariado para algumas entidades públicas e do terceiro sector. Simultaneamente, pretende-se demonstrar a necessidade de o reconhecer contabilisticamente para que as instituições divulguem de forma verdadeira e apropriada a informação de todos os seus recursos.

A escassez de investigações académicas realizadas nesta temática conjuntamente com a sua importância, o forte interesse e o reconhecimento dado pela sociedade constituíram as principais razões motivacionais para a sua realização.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco secções. Na primeira secção de introdução, procede-se à apresentação geral do estudo, evidenciando o objetivo geral a alcançar. Na segunda secção, dedicada à revisão da literatura, aborda-se os conceitos de voluntariado e voluntário, analisa-se os tipos de voluntariado e apresenta-se algumas reflexões sobre os determinantes e motivações. Na terceira secção, identifica-se a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa. A quarta secção corresponde à elaboração, análise e interpretação de resultados face aos objetivos propostos. Por último, na quinta secção enuncia-se a síntese das principais conclusões advinda dos resultados obtidos na secção anterior, sem deixar de referir as suas limitações e eventuais sugestões para novas linhas de investigação.

2. Revisão de literatura

A secção pretende explicar e distinguir o conceito de voluntariado e voluntário utilizado na sociedade portuguesa. Seguidamente, também pretende dar a conhecer os diferentes tipos de trabalho voluntário e os principais determinantes e motivações para as pessoas exercerem esta atividade.

2.1. Definição de voluntariado e voluntário

Existem diversas definições para os termos “voluntariado” e “voluntário”, bem como os múltiplos estudos que procuram analisar os vários conceitos que coexistem, para de seguida identificarem as dimensões chave que o caracterizam (Sampaio, 2012).

Estes termos não são consensuais em toda a parte do mundo, apresentando muitas vezes uma conotação negativa em algumas sociedades (Medina, 2011). Este fenómeno pode ser explicado pelos diferentes contextos sociais e culturais (Romão, Gaspar, Correia, & Amaro, 2012).

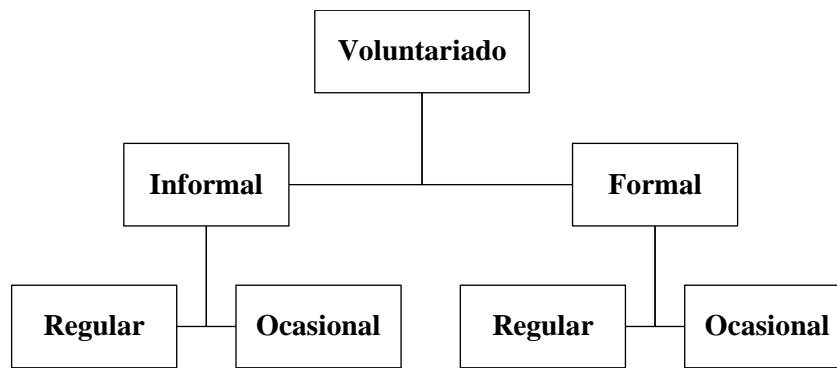
Em Portugal, o termo voluntariado caracteriza-se como sendo *“um conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Excluem-se as atuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança”* (Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro).

Por outro lado, o voluntário pode ser entendido como um *“indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora. A qualidade de voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer de relação de trabalho subordinado ou autónomo ou de qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora”* (Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro).

2.2. Diferentes tipos de trabalho voluntário

Com base na literatura existente, o voluntariado pode ser distinguido através do nível de formalidade dos comportamentos (Wilson & Musick, 1997). Observando a Figura 1, é possível distinguir os diferentes tipos de voluntariado.

Figura 1: Tipos de trabalho voluntário



Fonte: Elaboração própria, adaptado de Ferreira, Proença & Proença (2008)

O tipo de voluntariado informal caracteriza-se por um trabalho produzido diretamente pelo próprio indivíduo a outros indivíduos não pertencentes ao seu agregado familiar. O voluntariado do tipo formal inclui comportamentos semelhantes, mas que se enquadram no âmbito de uma organização/instituição (McCurley & Lynch, 2006).

O voluntariado formal e informal pode ser subdividido a título regular e ocasional. O trabalho voluntário regular prevê um costume frequente, enquanto o trabalho voluntário ocasional corresponde a uma tarefa de curta duração, por um período pré-determinado (Instituto Nacional de Estatística, 2013a).

2.3. Voluntariado: determinantes e motivações

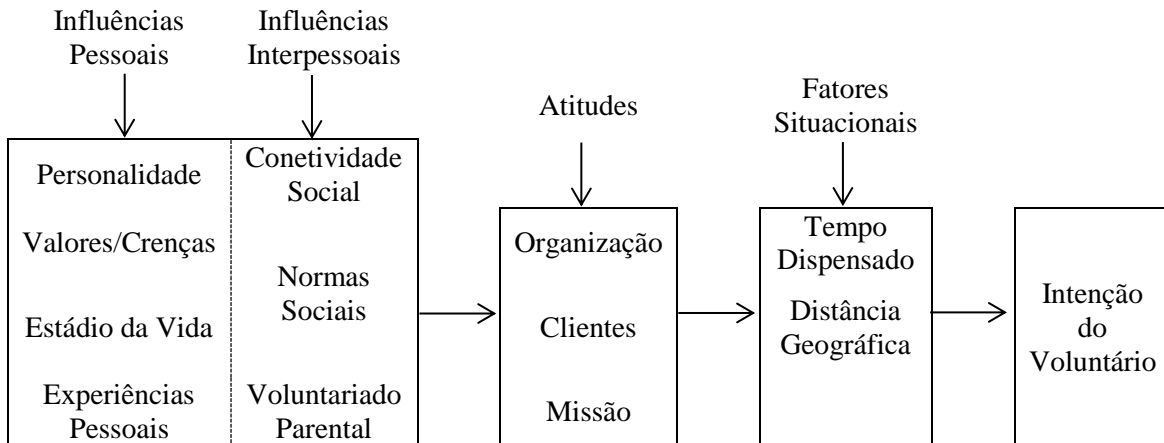
Ser voluntário envolve tempo e energia para desenvolver um serviço que beneficia alguém, a sociedade ou uma comunidade, sem esperar uma recompensa financeira ou material. Historicamente tem sido praticado em diversos lugares do mundo. (Akintola, 2011).

Assim, para compreender o voluntariado é importante estudar que tipo de motivações desencadeia num indivíduo a vontade de se tornar voluntário e analisar a existência de fatores determinantes, que quando presentes podem proporcionar a sua ocorrência. A abordagem a estas duas variantes está interligada, uma vez que procura dar resposta aos motivos pelo qual um cidadão se torna voluntário (Sampaio, 2012).

2.3.1. Determinantes do voluntariado

Uma das propostas de análise dos determinantes consiste no modelo interpretativo de Wymer & Starnes (2001), representado na Figura 2.

Figura 2: Determinantes do voluntariado



Fonte: Elaboração própria, adaptado Wymer & Starnes (2001)

Segundo Wymer & Starnes (2001), os fatores pessoais incluem diversos aspetos como a personalidade, os valores/crenças, o estágio da vida e as suas experiências pessoais.

Na personalidade, Wymer (1997) distingue a autoestima e a empatia como as duas variáveis que se relacionam com a vocação para o voluntariado. A autoestima permite ao indivíduo ter consciência e segurança nas suas capacidades e a empatia, promove na pessoa um desconforto psicológico perante uma situação de adversidade de outrem, o que a motiva a ajudar (Wymer & Starnes, 2001).

O conjunto de valores determina as prioridades das pessoas, ou seja, quanto mais nobre for o sistema de valores de um indivíduo, maior será a probabilidade de se tornar voluntário (Wymer & Starnes, 2001).

Wymer & Starnes (2001) referem-se ainda à influência de variáveis do estágio da vida da pessoa. Por exemplo, os jovens e solteiros terão à partida uma maior disponibilidade para se tornarem voluntários. Por outro lado, as pessoas idosas também deverão estar mais disponíveis, mas atendendo à sua idade, poderão estar limitadas na possibilidade de participarem em determinadas atividades.

Finalmente, as experiências pessoais desempenham um papel importante em ajudar o indivíduo a desenvolver e a reformar os seus valores. Estas podem influenciar a prática do voluntariado, na medida em que por vezes é a vivência de determinadas situações semelhantes a título pessoal que pesa nessa decisão (Wymer & Starnes, 2001).

Nos fatores interpessoais, Wymer & Starnes (2001) evidenciam a peso de aspetos como a conectividade social, as normas sociais e o voluntariado parental.

A conectividade social está ligada a maiores níveis de voluntariado, uma vez que um voluntário escolhe um futuro voluntário, com base nos seus interesses comuns e os seus valores partilhados. As normas sociais são os comportamentos que geralmente os grupos sociais concordam em continuar a cumprir. Por último, o voluntariado parental pressupõe que os filhos que tenham pais a exercer voluntariado estejam mais propensos a vir a praticar a mesma ação (Wymer & Starnes, 2001).

A atitude de um indivíduo em se tornar voluntário deriva dos seus valores pessoais e interpessoais. A conjugação destas duas dimensões resulta de determinadas atitudes dos indivíduos que influenciarão a sua vontade de participar, ou não, numa determinada causa ou instituição (Wymer & Starnes, 2001).

A decisão de um indivíduo se tornar voluntário é ainda influenciada pelos fatores situacionais da pessoa, como por exemplo, o tempo dispensado e a distância geográfica. A falta de tempo é a primeira razão apontada pelos indivíduos para não praticarem uma ação de voluntariado (Wymer & Starnes, 2001).

2.3.2. Motivações do voluntariado

A motivação é um processo psicológico complexo que resulta de uma interação entre o indivíduo e o ambiente que o rodeia, determinando a sua forma, direção, intensidade e duração (Latham & Pinder, 2005).

A literatura permite identificar inúmeras motivações pela qual um indivíduo pode vir a exercer a prática do voluntariado (Cnaan & Goldberg-Glen, 1991). Ferreira *et al.* (2008) efetuaram uma revisão de literatura na qual identificaram quatro tipos de motivações principais, conforme o referido no Quadro 1.

Quadro 1: Motivações do voluntariado

Tipo de Motivação	Objetivo
Altruísmo	Ajudar os outros
	Sentido de missão
	Forma de solidariedade
	Fazer algo que valha a pena
	Preocupação com a natureza
	A organização ajuda aqueles que precisam
Pertença	Ajudar no hospital
	Contato social
	Divertimento e viajar
	Ser bem aceite na sociedade
	Contactar com pessoas que têm os mesmos interesses
	Pertencer a um clube
	Dar algo e ser útil à comunidade
Ego e Reconhecimento Social	Contactos institucionais
	Interesse nas atividades da organização
	Preencher o tempo livre com mais qualidade
	Sentimentos de autoestima, confiança, satisfação, respeito e reconhecimento.
Aprendizagem e Desenvolvimento	Carreira profissional
	Ter mais conhecimento e estar envolvido em programas do governo.
	Novos desafios e experiências
	Aprender e ganhar experiência
	Enriquecimento pessoal e alargar horizontes
	Possibilidade de poder continuar a exercer uma profissão

Fonte: Elaboração própria, adaptado Ferreira et al. (2008)

Finalmente importa referir que podem existir situações que aludam simultaneamente a mais do que uma das diversas categorias motivacionais, estando por isso a tracejado as fronteiras entre as categorias (Ferreira *et al.*, 2008).

3. Metodologia de investigação

A secção 3 refere-se à metodologia de investigação utilizada neste estudo. Através de uma metodologia de carater quantitativo, baseada em variáveis diretamente extraídas de bases de dados divulgadas por dois organismos de referência, pretende-se atingir os três objetivos de investigação estabelecidos:

- i. Caraterização geral do voluntariado em Portugal;
- ii. Retrato sociodemográfico do voluntariado em Portugal;
- iii. O voluntariado no contexto europeu.

Foram consideradas as seguintes bases de dados, sendo as duas primeiras extraídas do Instituto Nacional de Estatística (INE) e a terceira do Eurobarómetro:

- Caraterísticas sociodemográficas por tipo de trabalho voluntário;
- Caraterísticas sociodemográficas por tipo de trabalho voluntário, por NUTS II;
- Ano europeu do voluntariado 2011.

Os dois primeiros objetivos delimitados, foram analisados através das bases de dados do inquérito piloto disponibilizadas no sítio *online* do INE no ano de 2013. O inquérito ao trabalho voluntário consistiu na recolha de dados no 3º trimestre de 2012, introduzido num módulo anexo ao inquérito ao emprego com a finalidade de se conhecer as caraterísticas fundamentais do voluntariado.

Os dados estatísticos do terceiro objetivo foram obtidos através do sítio oficial do Eurobarómetro respeitante ao ano de 2011. A informação disponibilizada decorreu de um inquérito realizado com a finalidade de saber o que os europeus pensam sobre este conceito e de que forma o vive e aplica no seu dia-a-dia. Também é importante referir que a análise económica dos Estados-Membros foi organizada com base no Relatório do Desenvolvimento Humano 2013.

A unidade de análise consiste na população residente em Portugal, no ano de 2012, ou num Estado-Membro da União Europeia, no ano de 2011, com idade igual ou superior a 15 anos que tenham participado em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário a título ocasional ou regular.

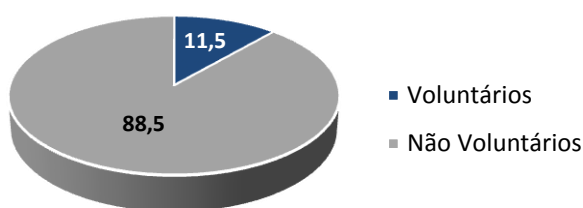
4. Resultados obtidos

Na secção 4 realiza-se a análise dos resultados obtidos, face aos objetivos formulados: a caracterização da ação voluntária em Portugal, o retrato sociodemográfico do indivíduo voluntário e uma análise do voluntariado na União Europeia (UE). Por último, também se pretende demonstrar a necessidade de o reconhecer contabilisticamente para que as instituições divulguem de forma verdadeira e apropriada a informação de todos os seus recursos.

4.1. Caracterização do voluntariado em Portugal

No ano de 2012, a taxa de voluntariado correspondia a 11,5% da população residente com idade igual ou superior a 15 anos, conforme o exposto na Figura 3. Sendo assim, é possível afirmar que em Portugal, no ano anterior, 1 038 464 voluntários participou em uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário.

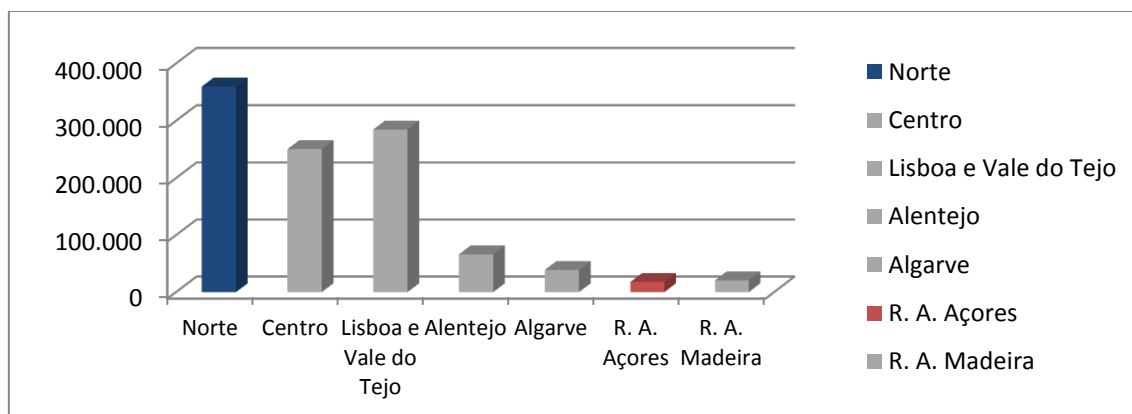
Figura 3: Voluntariado em Portugal em 2012



Fonte: Elaboração própria

Na Figura 4, através de uma análise comparativa da NUTS II portuguesa, observou-se que o Norte concentrou o maior número de voluntários (359 699), seguindo-se as regiões de Lisboa (284 768), Centro (250 549), Alentejo (66 166) e do Algarve (38 787). A Região Autónoma da Madeira e dos Açores obtiveram a menor concentração de voluntários, com 20 643 e 17 851 respetivamente.

Figura 4: Repartição do total de voluntários por NUTS II em 2012 (Milhares)

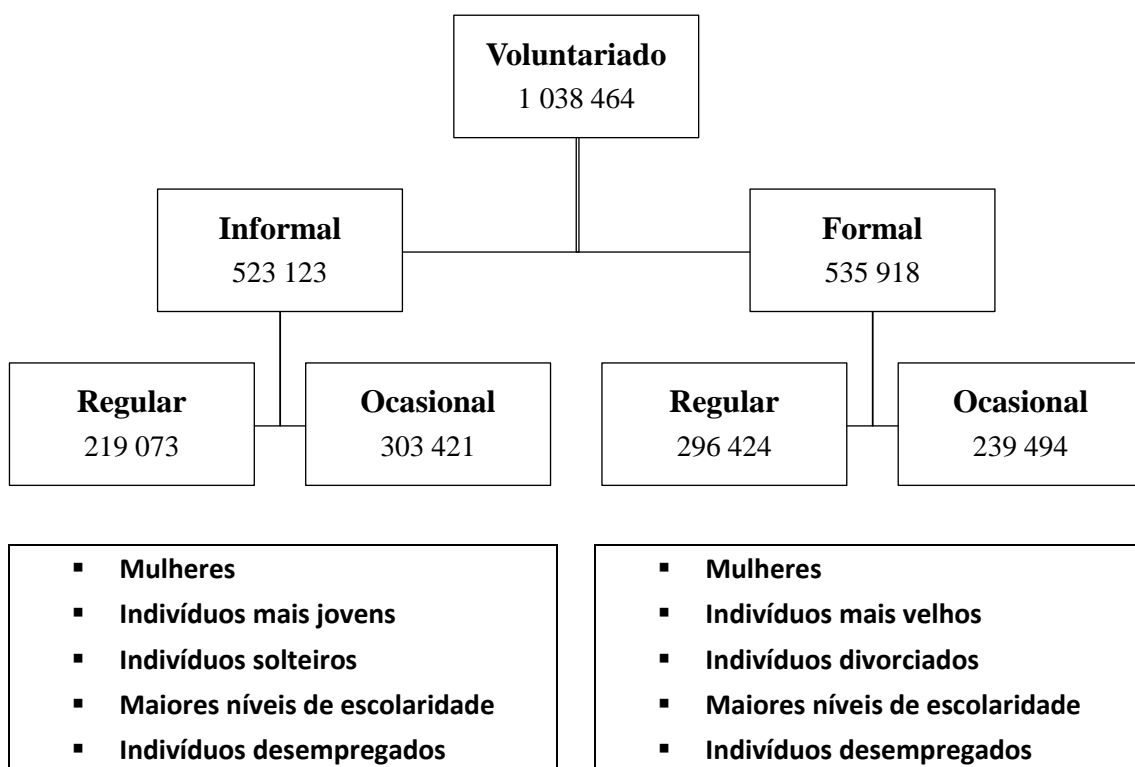


Fonte: Elaboração própria

Observando a figura 5, no geral pouco mais de metade dos voluntários dá preferência a realizar uma atividade voluntária em regime formal. Em termos de regularidade, existe uma predominância de atividades ocasionais no trabalho voluntário informal e de atividades regulares no trabalho voluntário formal.

Do número total de indivíduos voluntários, 50,4% realizou um trabalho voluntário informal, o que representa 5,8% da população residente com idade igual ou superior a 15 anos. Considerando a regularidade das ações voluntárias desempenhadas, observa-se que 42% dos voluntários executaram atividades numa base regular e 58% numa base ocasional. Contrariamente, 51,6% realizou um trabalho voluntário formal, o que representa 5,9% dos habitantes com idade igual ou superior a 15 anos. Observando a regularidade das tarefas voluntárias executadas, verifica-se que 55,3% dos voluntários efetuaram atividades a título regular e 44,7% a título ocasional.

Figura 5: Caracterização e número total de voluntários por tipo de trabalho voluntário em 2012



Fonte: Elaboração própria

4.2. Retrato sociodemográfico do voluntariado em Portugal

Para uma melhor perceção da ação de voluntariado no nosso país, importa conhecer e compreender o perfil destes indivíduos. Seguidamente apresenta-se os resultados da sua caracterização através das principais variáveis sociodemográficas, face ao número total de voluntários.

▪ Por género:

Na distribuição pelo género do indivíduo, a taxa de voluntariado no sexo masculino (42,6%) foi relativamente inferior à do sexo feminino (57,4%), conforme o evidenciado na Figura 6. Estas percentagens correspondem a um total de 442 838 homens e 595 626 mulheres, envolvidos numa ação de voluntariado.

▪ Por escalão etário:

No intervalo por idades, verificaram-se os seguintes valores para a taxa de voluntariado: 12,6% no escalão dos 15-24 anos, 39,1% no escalão dos 25-44, 34,4% no escalão dos 45-64 anos e 13,9% no escalão dos maiores de 65 anos. Observando a Figura 7, o escalão etário entre os 25-44 anos é o que evidencia um maior número de voluntários.

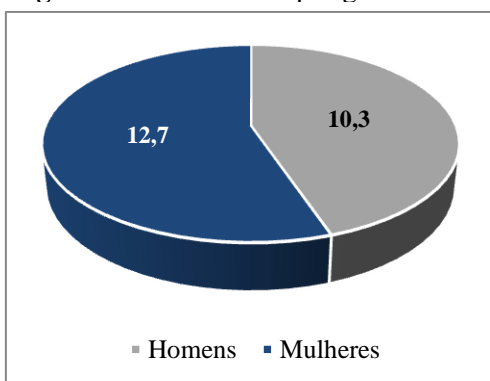
▪ Por situação perante o emprego:

Na situação perante o emprego das pessoas que exercem voluntariado observou-se que 57,6% exercem uma profissão, 31,4% encontram-se inativos e 11% numa situação de desemprego. Existe uma grande tendência em relacionar o voluntariado com indivíduos sem uma atividade profissional, no entanto, com os resultados disponíveis na Figura 8, constata-se precisamente o contrário.

▪ Por nível de escolaridade:

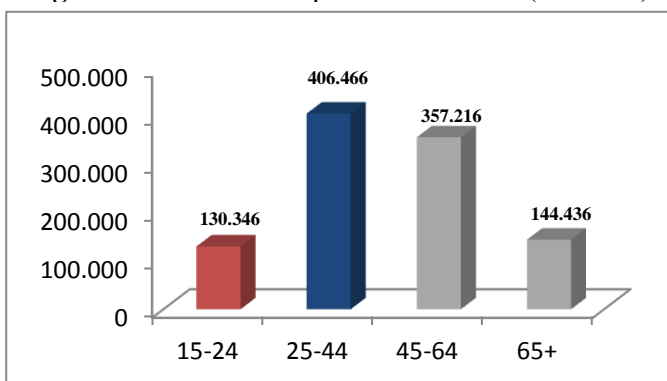
Uma das características que se destaca nos voluntários é as habilitações literárias, tendo em conta que a percentagem mais significativa realça-se nos voluntários com um nível de escolaridade superior, conforme o apresentado na Figura 9. De uma forma geral, o voluntariado aumenta conforme o grau crescente de formação: 3% para voluntários sem nenhum nível de escolaridade, 16,7% até ao 1º ciclo básico, de 9,6% até ao 2º ciclo básico, de 20,9% até ao 3º ciclo básico, 22,8% até ao secundário e pós-secundário e de 27,1% de indivíduos com o ensino superior.

Figura 6: Voluntariado por género



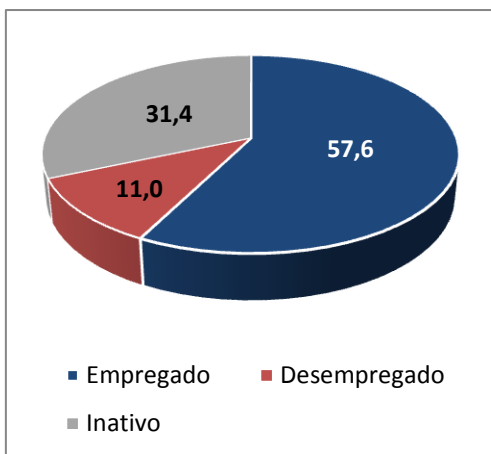
Fonte: Elaboração própria

Figura 7: Voluntariado por escalão etário (Milhares)



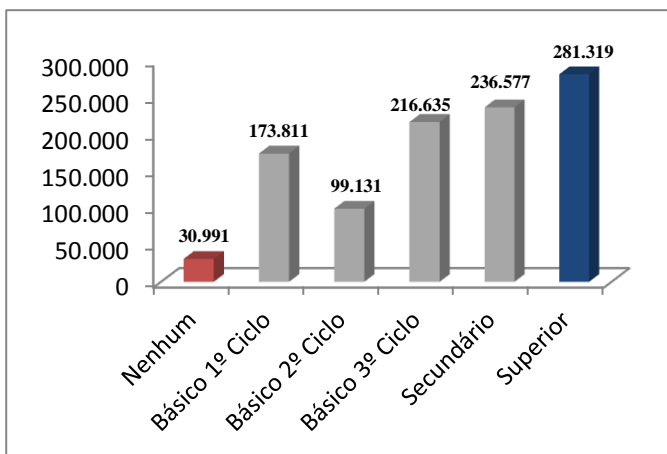
Fonte: Elaboração própria

Figura 8: Situação perante o emprego (%)



Fonte: Elaboração própria

Figura 9: Voluntariado por nível de formação (Milhares)



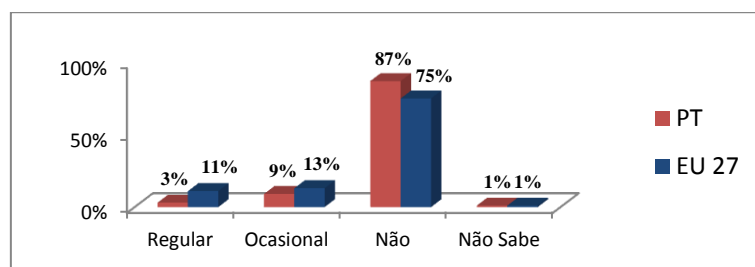
Fonte: Elaboração própria

4.3. O voluntariado no contexto europeu

Na União Europeia, perto de um quarto dos indivíduos dedicaram parte do seu tempo livre a uma atividade voluntária (24%), ocorrendo que perto de 11 % realizaram esta ação a título regular e 13 % numa base ocasional. Relativamente a Portugal a taxa de voluntariado apresentada pelo Eurobarómetro foi de 12%, seguindo a tendência da UE com uma maior proporção nas ações ocasionais (9%) e uma menor proporção nas ações regulares (3%).

Para uma melhor compreensão, a Figura 10 permite analisar e comparar os resultados obtidos no ano de 2011 na UE dos 27 membros e em Portugal.

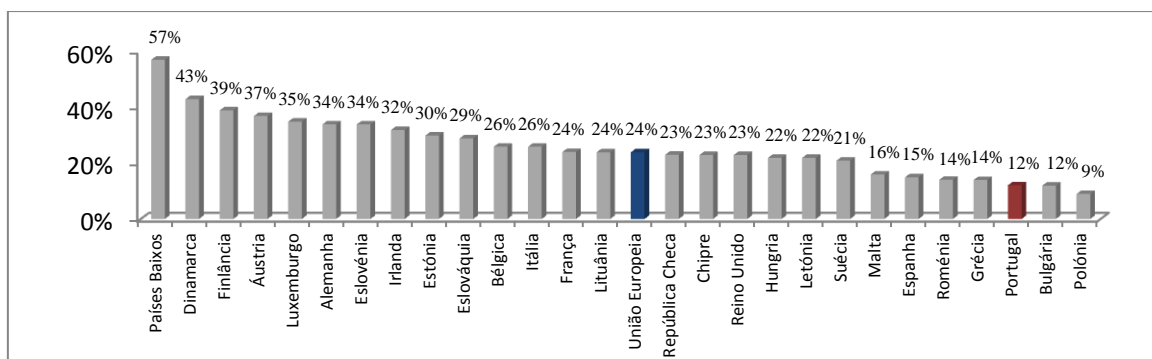
Figura 10: Taxa de voluntariado na UE 27 e em Portugal em 2011



Fonte: Elaboração própria

As maiores taxas de voluntariado estão muito concentradas nos Países Baixos aonde mais de metade dos indivíduos realizou uma atividade voluntária, contrariamente, a Polónia foi o Estado-Membro que registou a menor taxa de voluntariado, com apenas 9%. Portugal surge em antepenúltimo, conforme o exposto na Figura 11. Em termos de regularidade, os Estados-Membros com maiores/menores percentagens apresentam as maiores/menores médias nas ações desenvolvidas numa base regular e ocasional, como podemos verificar na Figura 12.

Figura 11: Taxa de voluntariado na UE 27 em 2011



Fonte: Elaboração própria

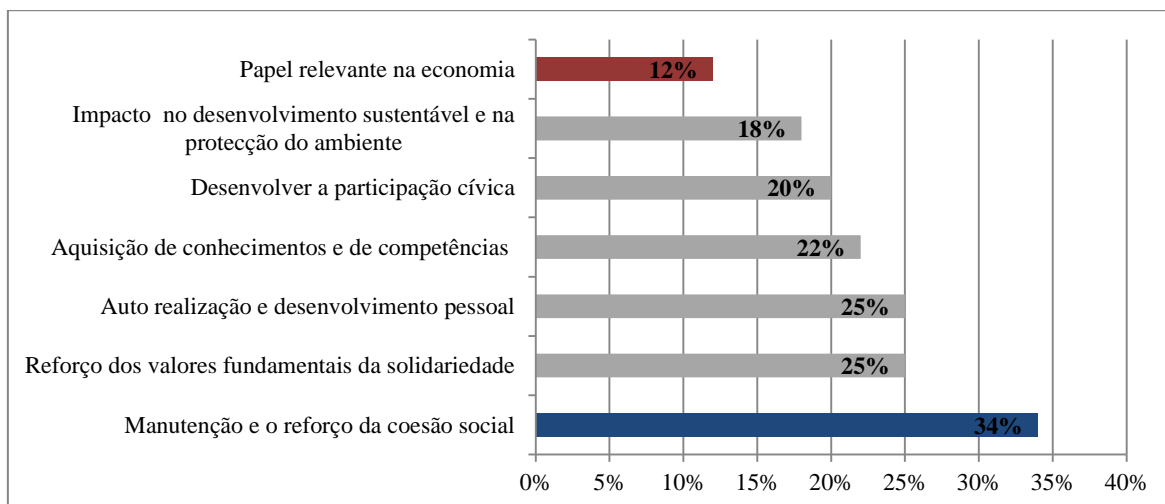
Figura 12: Concentração da taxa de voluntariado regular e ocasional em 2011

	Voluntariado Regular	Voluntariado Ocasional
Maior Concentração	31% Países Baixos	26% Países Baixos
	21% Dinamarca	25% Áustria
Menor Concentração	2% Bulgária	8% Malta
	2% Polónia	8% Suécia
	2% Roménia	7% Polónia

Fonte: Elaboração própria

As principais motivações dos europeus podem ser analisadas na Figura 13. A população residente na União Europeia salienta a manutenção e o reforço da coesão social como o principal fator motivacional (34%). Seguidamente, uma pessoa exerce a atividade do voluntariado para reforçar os seus valores fundamentais da solidariedade (25%) e para contribuir para o seu desenvolvimento pessoal (25%). Contrariamente, apenas 12% dos europeus salienta o papel importante que este tem na economia como uma motivação.

Figura 13: Motivações no voluntariado da União Europeia (%)



Fonte: Elaboração própria

Será relevante o contributo do voluntariado na economia da União Europeia?

Com base numa breve análise da classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos Estados-Membros da União Europeia é possível verificar que o voluntariado influencia positivamente o desenvolvimento de um país, tanto a nível económico como a nível social.

Conforme o exposto no Quadro 2, o grau de correlação apresenta valores positivos entre as variáveis escolhidas, ou seja, existe uma correlação positiva. Esta correlação significa que há medida que uma variável aumenta a outra variável também vai aumentar.

Quadro 2: Correlação do voluntariado

Variáveis	Correlação
Correlação entre o IDH e o Voluntariado	0,66
Correlação entre Rendimento Nacional Bruto per capita e o Voluntariado	0,64

Fonte: Elaboração própria

A correlação calculada e a observação do Quadro 3 permitem afirmar que os países com maiores níveis de voluntariado são os que apresentam maiores níveis de IDH e o mesmo se verifica na situação inversa.

Quadro 3: Relação entre o voluntariado e o Índice de Desenvolvimento Humano

Classificação no IDH	Estado-Membro	IDH	Rendimento Nacional Bruto per capita	Nível de Voluntariado
4	Países Baixos	0,921	37,282	0,57
5	Alemanha	0,920	35,431	0,34
7	Irlanda	0,916	28,671	0,32
7	Suécia	0,916	36,143	0,21
15	Dinamarca	0,901	33,518	0,43
17	Bélgica	0,897	33,429	0,26
18	Áustria	0,895	36,438	0,37
20	França	0,893	30,277	0,24
21	Finlândia	0,892	32,510	0,39
21	Eslovénia	0,892	23,999	0,34
23	Espanha	0,885	25,947	0,15
25	Itália	0,881	26,158	0,26
26	Luxemburgo	0,875	48,285	0,35
26	Reino Unido	0,875	32,538	0,23
28	República Checa	0,873	22,067	0,23
29	Grécia	0,860	20,511	0,14
31	Chipre	0,848	23,825	0,23
32	Malta	0,847	21,184	0,16
33	Estónia	0,846	17,402	0,30
34	Eslováquia	0,840	19,696	0,29
37	Hungria	0,831	16,088	0,22
39	Polónia	0,821	17,776	0,09
41	Lituânia	0,818	16,858	0,24
43	Portugal	0,816	19,907	0,12
44	Letónia	0,814	14,724	0,22
56	Roménia	0,786	11,011	0,14
57	Bulgária	0,782	11,474	0,12

Fonte: Elaboração própria

4.4. A necessidade de reconhecer contabilisticamente o voluntariado

A literatura científica revela que existem opiniões diferentes sobre o reconhecimento contabilístico do trabalho voluntário. Por um lado, alguns autores ostentam algumas limitações (Arroyo, 1990) enquanto outros apoiam a sua contabilização (Azañón, 2012; Gross Jr, McCarthy & Shelmon, 2005), principalmente em instituições do setor público e do terceiro setor aonde esta atividade apresenta um número importante de voluntários e muitas das suas atividades não poderiam ser realizadas sem a sua colaboração.

Nesse sentido, diferentes estudos demonstram que sem o trabalho voluntário muitas destas instituições, principalmente as do terceiro setor, não conseguiriam sobreviver sem o apoio deste recurso humano de excelência.

Nesse contexto, devido à importância de ambos os setores e à realidade financeira que o voluntariado assume atualmente, torna-se emergente a sua contabilização, para que seja representado nas suas demonstrações financeiras uma imagem verdadeira e apropriada do património bem como do seu desempenho.

Simultaneamente, conforme evidenciado na presente investigação, devido ao número de voluntários que subsiste em Portugal (11,5%) e face à média da União Europeia (24%), a pesquisa evidencia que a contabilização do voluntariado em uma entidade é essencial e significativa devido à sua preponderância.

Dessa forma, os diferentes *stakeholders* das instituições e futuros interessados poderão ter acesso a um conjunto de informação mais completa que decerto irá afetar de modo favorável futuras decisões tomadas sobre as entidades e, concomitantemente, produzir uma informação financeira que traduza uma imagem fiel da respetiva entidade.

5. Considerações Finais

A investigação desenvolvida pretendeu fazer uma caracterização global da atividade voluntária em Portugal, definir o perfil sociodemográfico da pessoa que realiza esta atividade no nosso país e elaborar uma análise do voluntariado na União Europeia.

No primeiro objetivo, observa-se que 11,5% da população residente em Portugal com idade igual ou superior a 15 anos participou em, pelo menos, uma atividade formal e/ou informal de trabalho voluntário em 2012. A atividade voluntária está concentrada na sua maioria na região norte e existe uma preferência pelo regime formal.

No segundo objetivo, o perfil sociodemográfico da pessoa que se dedica ao voluntariado é do género feminino, com idade entre os 25-44 anos, um nível de escolaridade superior e uma situação profissional ativa.

No terceiro objetivo, verifica-se que perto de um quarto dos indivíduos dedicou parte do seu tempo livre a uma atividade voluntária, numa base regular ou ocasional. As maiores taxas de voluntariado estão concentradas nos Países Baixos (57%), na Dinamarca (43%) e na Finlândia (39%). Inversamente destacam-se países como Portugal (12 %), Bulgária (12 %) e Polónia (9 %) que se situam muito abaixo da média da UE. A coesão social é indicada pela população dos Estados-Membros como o principal fator motivacional para exercerem o voluntariado. Contrariamente, o papel importante que este desempenha na economia é o que apresenta menor preponderância.

Assim, os resultados obtidos contribuem positivamente para um maior conhecimento e caracterização do voluntariado, realçando a ideia que este assume um papel influente na sociedade e na economia. Nessa conformidade, o trabalho voluntário é cada vez mais considerado um recurso que necessita de ser valorizado pelas entidades através do seu reconhecimento contabilístico. Pois só dessa forma poderá proporcionar uma melhor gestão e uma imagem verdadeira e apropriada das diversas entidades.

5.1. Limitações do estudo

A escassez de estudos académicos e profissionais, portugueses e internacionais, sobre o voluntariado limitou o presente trabalho, uma vez que não permitiu alcançar uma visão quantitativa comparativa, bem como obter uma visão crítica e consistente no âmbito dos resultados obtidos.

5.2. Sugestões para investigações futuras

A impossibilidade de generalização dos resultados leva a identificar a necessidade de estudar aprofundadamente a realidade desta temática. Para futuras investigações propõe-se que se amplie a caracterização sociodemográfica aos restantes Estados-Membros para que seja possível comparar os resultados obtidos.

Para futuras investigações, também se destaca a necessidade de um estudo que analise a criação de um modelo de valorização que seja aceite de forma universal, que permita o seu reconhecimento contabilístico.

Por último, considera-se que o presente trabalho pode e deve ser atualizado, servindo de base a outros estudos.

Referências bibliográficas

Akintola, O. (2011). What motivates people to volunteer? The case of volunteer AIDS caregivers in faith-based organizations in KwaZulu-Natal, South Africa. *Health Policy and Planning*, 26, 53-62.

Arroyo, G. (1990). *La contabilidad de las entidades sin finalidad lucrativa*. Madrid: Instituto de Contabilidad y Auditoria de Cuentas. Ministerio de Economía y Hacienda.

Azañón, J. (2012). *Valoración económica del voluntariado*. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em www.donosos.es.

Cnaan, R. & Goldberg-Glen, R. (1991). Measuring motivation to volunteer in human services. *Journal of Applied Behavioral Science*, 27, 269-284.

Eurobarómetro (2011). *Inquérito sobre o Voluntariado e Solidariedade Regional na União Europeia 2011* [publicação]. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em: http://www.europarl.europa.eu/aboutparliament/pt/00191b53ff/Eurobar%C3%B3metro.htm?tab=2011_1.

Ferreira, M., Proença, T., & Proença, J. (2008). As Motivações no Trabalho Voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7, 43-53.

Gross Jr, M., McCarthy, J. & Shelmon, N. (2005). *Financial and Accounting guide for Not-For-Profit Organizations*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Instituto Nacional de Estatística (2013a). *Conta Satélite da Economia Social 2010*. [publicação]. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=157543613&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística (2013b). *Caraterísticas sociodemográficas por tipo de trabalho voluntário - 2012* [base de dados]. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=cn_quadros&boui=157481205.

Instituto Nacional de Estatística (2013c). *Caraterísticas sociodemográficas por tipo de trabalho voluntário, por NUTS II – 2012* [base de dados]. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=cn_quadros&boui=157481205.

Latham, G. & Pinder, C. (2005). Work motivation theory and research at the Dawn of the twenty-first century. *Annual Review of Psychology*, 56, 485-516.

Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro. Bases do enquadramento jurídico do voluntariado, Diário da República, 1ª Série, 254.

McCurley, S. & Lynch, R. (2006). *Essential Volunteer Management*. London: The Directory of Social Change.

Medina, R. (2011). *Manual on the Measurement of Volunteer Work*. Geneva: International Labour Organization.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013). *O Relatório do Desenvolvimento Humano 2013* [publicação]. Acedido em 14 de Novembro de 2013, disponível em: <http://www.un.org/files/HDR2013%20Report%20Portuguese.pdf>

Romão, G., Gaspar, V., Correia, T. & Amaro, R. (2012). *Estudo de caraterização do voluntariado em Portugal*. Acedido em 16 de Outubro de 2013, disponível em: http://www.voluntariado.pt/preview_documentos.asp?r=1954&m=PDF.

Sampaio, S. (2012). *A gestão de voluntários, no contexto particular das organizações sem fins lucrativos, em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Braga.

Wilson, J. & Musick, M. (1997). Who cares? Toward an integrated theory of volunteer work. *American Sociological Review*, 62, 694-713.

Wymer, W. (1997). Segmenting Volunteers Using Values, Self-Esteem, Empathy, and Facilitation as Determinant Variables. *Journal of Nonprofit & Public Sector Marketing*, 5, 3-28.

Wymer, W. & Starnes, B. (2001). Conceptual Foundations and Practical Guidelines for Recruiting Volunteers to Serve. Local Nonprofit Organizations: Part I. *Journal of Non Profit & Public Sector Marketing*, 9, 63-96.